

## ***SUPERINTERESSANTE EM SALA DE AULA: UMA LEITURA MULTIMODAL***

Patricio de Albuquerque Vieira - UEPB  
patricioavieira@hotmail.com

*A comunicação visual tem de sair do domínio apenas de especialistas ou de elites, e passar cada vez mais para o domínio público (KRESS; van LEEUWEN, 2001)*

### **Palavras iniciais**

Na sociedade contemporânea, os gêneros multimodais existem em profusão, associando palavras e imagens para transmitir suas informações. Panfletos, out-doors, cartazes, propagandas, entre outros, são exemplos de gêneros multimodais que utilizam imagens para despertar a atenção do leitor para a mensagem a ser comunicada.

Na escola, os livros didáticos são apresentados ao aluno com uma variedade de imagem. São fotos, telas, anúncios, tiras, charges, cartuns, enfim, textos visuais a serem explorados nas aulas. O livro didático de Português (doravante LDP), especificamente, espera, ao utilizar as imagens, levar o aluno a interpretar o texto visual, fazendo-o levantar hipóteses e inferências sobre o que está analisando, uma vez que as imagens também produzem sentidos. Embora o LDP seja o instrumento mais utilizado pelo professor, este deve levar para a sala de aula outros suportes como revistas, jornais, manuais de eletrodomésticos, etc., com o intuito de explorar uma diversidade de imagens que os alunos ainda não sabem como fazer a leitura delas. Nesse contexto, são pertinentes as palavras de Mozdzenski (2008, p. 21-22) quando assegura que “nos jornais impressos e revistas, por exemplo, é possível notar a constante interação entre a escrita e um grande número de modos semióticos, exercendo uma função retórica na construção de sentidos”.

Reconhecendo a necessidade de trabalhar com revistas na sala de aula, apostamos na reflexão de textos extraídos da revista *SuperInteressante*, pois este veículo de comunicação apresenta temas que, geralmente, não são abordados pelo LDP, permitindo-lhe posicionar-se em relação a eles, apropriando-se do registro formal da Língua Portuguesa, além de ampliar suas práticas de letramento.

Nesse quadro, o presente artigo tem por objetivo analisar um texto extraído da revista *SuperInteressante* (fev./2010), considerando os elementos visuais e suas relações com o texto verbal e a forma como tais elementos estão distribuídos na página. Antes disso, refletiremos brevemente sobre as noções da multimodalidade e sobre a leitura de imagens.

## 1. A multimodalidade

Com o avanço das novas tecnologias os textos estão passando por organizações diversas, principalmente com a exploração das imagens, surgindo, assim, um novo olhar para analisá-los: a multimodalidade. Kress e van Leeuwen (1996) introduzem a noção de *multimodalidade* dos modos de representação que compõem o texto. Os estudos desses autores, desenvolvidos na área da *Semiótica Social*, objetivam englobar as diferentes formas de representação da mensagem produzida em um contexto sociocultural.

Objetivando sistematizar o estudo da multimodalidade visual, Kress e van Leeuwen (1996) apresentaram a *Gramática Visual*, com parâmetros para observação dos elementos que compõem as imagens, considerando-os sintagmas visuais correspondentes aos existentes na sintaxe da linguagem escrita. Para os autores, tal gramática pode descrever a forma como pessoas, lugares e coisas ordenam-se em uma composição ou extensão, valorizando o sentido, além de apontar para diferentes interpretações da experiência e para diferentes modos de interação social.

De acordo com Dionísio (2005, p. 160-161), a multimodalidade surge quando há a utilização de “no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações, etc.”. Assim sendo, a multimodalidade é a junção de mais de um recurso semiótico na constituição das ações sociais, apresentando-se como um traço constitutivo de todos os gêneros. Seguindo este raciocínio, todo texto é multimodal, ou seja, é constituído por mais de um modo de representação (gráficos, cores, desenhos, tabelas, formato das letras, etc.). Segundo Descardecí (2002, p. 20),

qualquer que seja o texto escrito ele é multimodal, isto é, composto por mais de um modo de representação. Em uma página, além do código escrito, outras formas de representação como a diagramação da página (layout), a cor (ou cores) das letras, a formatação do parágrafo, etc. interferem na mensagem a ser comunicada. Decorre desse postulado teórico que nenhum sinal ou código pode ser entendido ou estudado com sucesso em isolamento, uma vez que se complementam na composição da mensagem.

Dionísio (2005, p. 161) afirma que a multimodalidade é vista como um traço constitutivo do texto escrito e falado. A autora justifica seu posicionamento levando em consideração os seguintes pressupostos:

- a) as ações sociais são fenômenos multimodais;

- b) gêneros textuais orais e escritos são multimodais;
- c) o grau de informatividade visual dos gêneros textuais da escrita se processa num contínuo; e
- d) há novas formas de interação entre o leitor e o texto, resultantes da estreita relação entre o discurso e as inovações tecnológicas.

Ainda segundo Dionísio (2005, p. 164), a multimodalidade de um gênero não está vinculada apenas aos fatores visuais como “fotografias, telas de pintura, desenhos, caricaturas, por exemplo, mas também à própria disposição gráfica do texto no papel ou na tela do computador”. Para Kress e van Leeuwen (1996), a multimodalidade ocorre graças à composição das relações e à construção de sentido que os diversos códigos semióticos estabelecem entre si. Com isso, entendemos que a compreensão de um texto em sua complexidade somente ocorrerá se o leitor atentar para todos os recursos mobilizados em sua composição. Em outras palavras, queremos dizer que é impossível interpretar textos considerando apenas a linguagem escrita, pois um texto multimodal deve ser lido em união com todos os outros modos semióticos desse texto.

Nesse contexto, em todas as situações comunicativas orais e escritas, são utilizados pelo menos dois modos de representação: verbal e visual. Na fala, por exemplo, usamos gestos, expressões faciais e palavras, isto é, o visual e o verbal. Em relação à escrita, a multimodalidade está presente até em textos sem imagens, visto que não são necessários recursos pictoriais, como gráficos e tabelas, para tornar um texto multimodal, pois a organização da escrita no papel já é visual (as cores, o tamanho das letras, os recursos utilizados para destacar as palavras como o itálico e o negrito, etc.). Nessa perspectiva, Mozdzenski (2008, p. 21) assegura que “ilustrações, fotos, gráficos e diagramas, aliados a recursos e impressão, como o tipo de papel, cor, diagramação da página, formato das letras, etc., vêm sendo sistematicamente conjugados aos gêneros textuais escritos”.

Rocha (2007, p. 54), em seu artigo *Repensando o ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem multimodal*, expõe os pressupostos que caracterizam os textos multimodais segundo Kress, Leite-Garcia e van Leeuwen (2000):

- a) um conjunto de modos semióticos está sempre presente em toda produção ou leitura dos modos;
- b) cada modalidade tem suas potencialidades específicas de representação e de comunicação produzidas culturalmente, mas inerentes a cada modo;

- c) é preciso compreender a maneira de ler essas produções como coerentes em si mesmas;
- d) tanto os produtores quanto os receptores têm poder em relação aos modos semióticos;
- e) escritores e leitores produzem signos complexos que emergem do “interesse” do produtor;
- f) o “interesse” determina a convergência de um complexo conjunto de fatores: histórias sociais e culturais, contextos sociais atuais, inclusive estimativas do produtor dos signos sobre o contexto comunicativo;
- g) o interesse em representações aptas e em uma comunicação efetiva significa que os produtores de signos elegem significantes (formas) apropriados para expressar sentidos, de maneira que a relação entre um e outro não resulte arbitrária, mas motivada.

Lemke (2002) destaca que integrar de forma significativa os textos verbais e visuais e direcionar a leitura por uma série de recursos visuais para obter informações é uma atividade do leitor experiente. Desse modo, cabe ao professor levar o aluno a ampliar seu conceito de texto, enfatizando que este pode ser constituído pela combinação das linguagens verbal e visual e que para alcançar a significação das mensagens é preciso interpretar as linguagens utilizadas. Lemke (2002, p. 305) salienta ainda que os leitores constroem diante das semioses multimodais um sentido “inter-intermodal, por meio da integração das contribuições que o significado (...) de cada uma das modalidades contribuintes traz para a rede ou para o conjunto total de significados”.

Em suma, os textos são produzidos com vários modos de representação e, assim sendo, o leitor deve considerar, além da língua escrita, todos os aspectos semióticos para chegar à compreensão deles, pois é comungando o verbal e o visual e analisando essa complementariedade que se obtêm as informações de um texto multimodal.

## **2. Sobre a leitura de palavras e imagens**

A leitura é um processo associativo que proporciona a interação entre a palavra e a imagem, uma vez que esta não só ilustra os textos verbais, mas amplia o sentido deles. Então,

poderíamos questionar o que é uma imagem? Há diversas definições de imagem. De acordo com Pillar (2008, p. 75),

a imagem é, hoje, um componente central da comunicação. Com sua multiplicação e ampla difusão, com sua repetitividade infinita, estes dispositivos fazem com que, por intermédio da sua materialidade, uma imagem prolongue sua existência no tempo.

Assim, as imagens não servem apenas como adorno ao texto escrito ou descrição de um objeto, mas elas têm funções importantes assim como a escrita, sobretudo na atualidade em que a era da tecnologia e da globalização faz surgir uma “civilização das imagens”. No tocante ao uso de imagens nas últimas décadas, Vieira (2007, p. 15) explicita que

A imagem impõe domínio próprio devido a sua relevância no mundo contemporâneo e, de certa forma, torna-se invasora da vida das pessoas, pois, mesmo quando não as queremos, as imagens invadem todos os espaços de nossa vida de modo rápido e dominador. O que pretendemos dizer é que podemos ler ou não os textos escritos, mas dos textos imagéticos é mais difícil escaparmos de sua sedução, manifestada pelo tamanho da imagem, pelo movimento e pela cor e beleza. Um fato ou outro sempre atrairá o nosso olhar e nos aprisionará.

Dionísio (2005, p.159) assegura que “imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada”. Pensando assim, Mayer já apontava em 1999 que a multimodalidade presente nos gêneros discursivos se define como a apresentação de um material (gráficos, mapas, fotografias, etc.) que envolve palavras e imagens. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Walty, Fonseca e Cury (2001, p. 90) salientam que “colocar imagem e escrita em campos opostos e excludentes é, no mínimo, ingenuidade, já que, mesmo à nossa revelia, tais códigos se encontram em constante interação”.

Desse modo, entendemos que é inevitável a leitura de imagens, uma vez que estas aparecem espalhadas pela sociedade, ou seja, as imagens fazem parte do cotidiano das pessoas, pois estão presentes nos supermercados, nas farmácias, nas escolas, nas ruas e até em residências carentes. Em razão disso, fazer leitura de imagens é

um desafio que se corporifica neste mundo, marcado pela proliferação das imagens, que continuamente nos bombardeiam: out-doors, noticiários, propagandas, multimídia. Da fotografia que se pretende fiel ao fato de buscar documentar, à realidade virtual criada pelos computadores, tudo se faz imagem. (WALTY, FONSECA e CURY, 2001, p. 89)

Nesse contexto, cabe a escola desenvolver um trabalho eficaz de compreensão de textos, a fim de preparar os cidadãos para a leitura de imagens, as quais fazem parte da nossa cultura e da nossa história, porque comunicam os traços culturais da humanidade, revelando o pensamento e o conhecimento dos povos. De acordo com Câmara (2008, p. 75),

existe na imagem uma mensagem simbólica, vinculada à sociedade, à história, à ideologia de quem a produz e de quem a vê, o que retrata um universo simbólico, favorecendo a construção de significados, conhecimentos e valores, cuja diversidade de temas oferece espaço para a reorganização e construção de conceitos.

Vale salientar que em sociedades letradas a imagem é bastante valorizada e faz parte do conteúdo de uma mensagem, por isso “todo professor tem convicção de que as imagens ajudam a aprendizagem, quer seja como recurso para prender a atenção dos alunos, quer seja como portador de informação complementar ao texto verbal” (DIONISIO, 2004, p. 16). Nesse cenário, faz-se pertinente questionar: A escola ensina o aluno a olhar? Em que momento e como o professor deve apresentar imagens para os alunos? Como as imagens são avaliadas na escola? Nos dias de hoje, a escola precisa educar o olhar dos alunos, ou seja, deve ensinar não somente a ler e escrever textos verbais, mas ensinar também como analisar os textos visuais. Para tanto, vemos que é necessário ir além da apreciação de obras de artes consagradas na história da arte ocidental, pois os adolescentes “estão atentos aos mais diversos sons, à simultaneidade de imagens e se relacionam cognitivamente de modo distinto para a compreensão dos acontecimentos” (BELMIRO, 2003, p. 318). Vale salientar que concordamos com Rocha (2007, p. 61) quando afirma que o estudo multimodal pode trazer resultados positivos nas de Português, haja vista que os usos e as funções do gênero discursivo são levados em consideração em uma situação concreta.

Considerando a imagem como um traço constitutivo dos textos de todos os tempos, a escola não pode ignorar o seu estudo, visto que as imagens estão cada vez mais presentes na sociedade devido à facilidade de sua reprodução. Assim, cabe ao professor explorar a relação das imagens com as palavras para que assim os alunos possam perceber que “as estruturas visuais constroem significados como as estruturas lingüísticas o fazem, e, com isso, apontam diferentes interpretações da experiência e diferentes formas de interação” (MAROUN, 2007, p. 105). Vale informar que todo professor é consciente de que as imagens contribuem para o desenvolvimento da aprendizagem, quer seja como recurso para assegurar a atenção do aprendiz, quer seja como portador de informação complementar ao texto escrito. Se os

materiais didáticos utilizam cada vez mais imagens, o professor deve explorar esse recurso na sala de aula, pois os alunos aprendem melhor associando palavras e imagens.

A seguir, analisaremos um texto extraído de uma revista de divulgação científica – SuperInteressante – com o intuito de fazer uma reflexão sobre a organização dos elementos visuais e suas relações com o texto verbal.

### **3. A análise**

É comum nos depararmos com textos que apresentam imagens como meras ilustrações a fim de torná-los mais atraentes. Tais ilustrações são pouco informativas e, muitas vezes, podem ser retiradas dos textos que acompanham sem causar prejuízos à compreensão do que se lê. Isto não é o que ocorre no texto que segue retirado da revista SuperInteressante (fev./2010), pois a imagem em destaque – gráfico de um avião – e as cores são indispensáveis para a compreensão do texto verbal. Eis a imagem:

# MANUAL

## Como escolher o assento no avião

Não tem lugar perfeito. Mas dá pra evitar alguns probleminhas. Faça a sua escolha e siga as cores da SUPER. ■ TEXTO CRISTINA LUCKNER



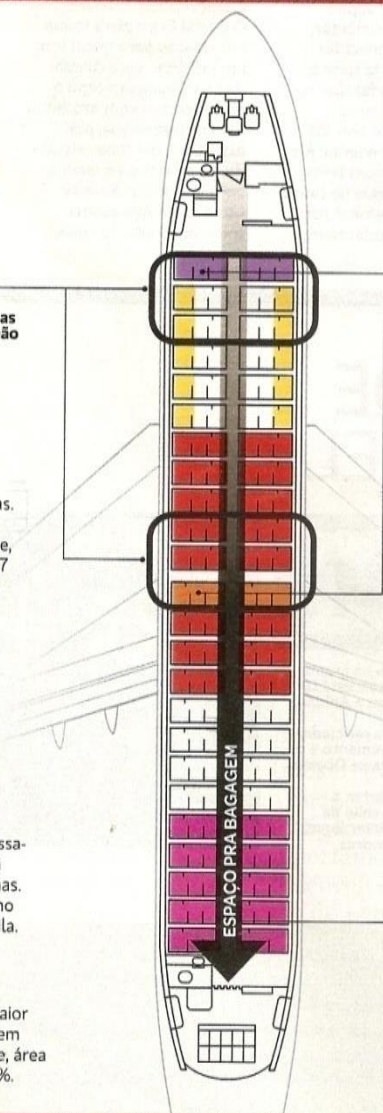
**OS MAIS FRIOS**  
Evite assentos próximos às portas de entrada e de emergência se não quiser passar frio. Apesar de as portas serem seladas, esses pontos são mais vulneráveis à temperatura negativa de fora.

**A MELHOR VISTA**  
Você só vai apreciar a vista se estiver sentado à frente das asas. A configuração das poltronas muda de acordo com a aeronave, mas fique no máximo na fileira 7 para garantir o passeio.

**OS MAIS BARULHENTOS**  
Na região das asas, o motor ronca mais alto – é lá que ele fica. Evite-a se quiser silêncio.

**OS MAIS ESPAÇOSOS PARA AS PERNAS**  
A saída de emergência dá ao passageiro um espaço 23% maior, em média, do que as outras poltronas. Mas ela só pode ser reservada no dia da viagem, igual à primeira fila.

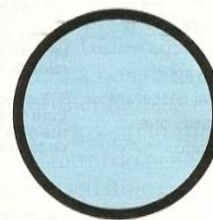
**OS MAIS SEGUROS**  
Os assentos do fundo têm a maior probabilidade de sobrevivência em caso de acidente: 69%. Na frente, área mais perigosa, a chance é de 49%.



**O MAIS COBIÇADO**  
A primeira fileira é uma boa – não tem passageiro da frente para espremer você. E ainda dá a chance de você sair primeiro do avião. Mas é reservada para crianças ou portadores de necessidades especiais, e fica bloqueada para reserva até o dia da viagem. O jeito para consegui-la é pedir à companhia que deixe seu nome numa lista de espera. Ou chegar bem cedo no check-in para pedir o lugar.



**PEGADINHA!**  
Na primeira fileira e na saída de emergência, os bancos reclinam menos e os braços da poltrona são fixos (não podem ser erguidos).



**OS MAIS ESPAÇOSOS PARA A BAGAGEM**  
Escolha assentos nas últimas fileiras. Em alguns voos, entra primeiro no avião quem vai ficar no fundo. Se a primeira leva de passageiros tiver muita bagagem, o resto sofre pra achar um bagageiro vago.

O texto retirado da seção *Manual* ocupa uma página completa da revista com formato retangular, medindo 26,5 cm de comprimento e 20 cm de largura. Envolvida por uma



borda vermelha, a mensagem é, intencionalmente, organizada com letras de fontes e de tamanhos variados. Observa-se que o título do texto vem escrito em *negrito* com uma fonte maior que as letras do corpo do texto. Na verdade, há três tipos de letras: a palavra *manual* (a única escrita com a cor vermelha) apresenta um estilo diferenciado das fontes utilizadas no título e no corpo do texto.

No centro da página vemos o gráfico de um avião, o qual vem subdividido em partes coloridas. Para entender as informações, o leitor precisa considerar as cores, pois cada uma traz uma informação diferente organizada em forma de legenda. Dondis (2003, p. 64), explicita que “a cor está, de fato, impregnada de informações, e é uma das mais penetrantes experiências visuais que temos em comum”. Nesse contexto, a cor é um elemento essencial para a construção dos sentidos do texto em estudo, e por serem bastante significativas precisam ser levadas em consideração. Veja-se que, na imagem acima, a cor vermelha desperta a atenção do leitor, provavelmente foi a escolhida para envolver o texto verbal. Mas será que todos os leitores conseguem ler da mesma maneira? É preciso salientar que sem relacionar as cores “derramadas” no gráfico não é possível compreender as palavras. Esta relação cor-texto verbal exige do leitor habilidade, pois os olhos “correm” no papel, uma vez que há muitos detalhes para serem analisados no gráfico, como por exemplo, a expressão *Espaço para bagagem* localizada na parte inferior do avião.

Percebemos ainda que o texto apresenta no lado direito da página um  *sinal de exclamação (!)*, inserido dentro de um triângulo localizado ao lado direito da página, para introduzir uma “pegadinha”, isto é, uma informação a respeito da pouca flexibilidade de algumas poltronas. Além disso, é preciso atentar para os números, que estando acompanhados pelo símbolo de percentagem (%), exigem do leitor a habilidade de outros conhecimentos que ativam a produção de sentidos na construção do texto.

Ora, na imagem em estudo há um elemento que intriga o leitor (ou que pelo menos me intrigou!) quanto à sua função no texto. Qual será? São justamente os dois círculos azuis: um localizado na parte superior do lado esquerdo do avião e, o outro, na parte inferior do lado direito. A questão é: qual o significado dos círculos? E por que estão preenchidos pela cor azul? Veja-se que na legenda não temos nenhuma cor azul seguida de uma informação. E que explicação poderíamos dar para a presença desses elementos? Meras ilustrações? E se um aluno, de repente, dissesse que o azul representa o céu, o professor teria que aceitar essa hipótese?

Outra particularidade desse texto que merece consideração está no fato dele ter um caráter científico. Observe que ele foi extraído de uma revista de circulação nacional que trata

seus conteúdos com seriedade e pesquisa, exigindo do leitor atenção e habilidade na leitura, pois existem informações até no pé da página. Desse modo, cabe ao docente explorar em sala de aula, a fim de evitar a leitura lacunosa, textos dessa natureza – cunho científico – para que os alunos percebam o tratamento que os autores dão às informações e para que possam desenvolver ainda a capacidade de compreender e interpretar as representações científicas.

Por fim, concordamos com Kress e van Leeuwen (1996) quando afirmam que produzir e compreender textos multimodais na sociedade atual constitui um exercício de grande relevância. Por isso, consideramos que a *SuperInteressante*, assim como as demais revistas de divulgação científica, é um importante recurso que deve ser utilizado na sala de aula para ampliar o grau de letramento do aprendiz. Se este não tem experiência com a leitura de textos extraídos dessa revista, é interessante iniciar a discussão por tema de seu interesse, possibilitando-lhe o contato com esse material – a revista -, discutindo a sua função, o público alvo e as temáticas abordadas.

### **Considerações finais**

O ensino de Português não pode mais desconhecer, nas atividades que propõe aos alunos, o estudo acentuado de imagens na escola. Desta feita, o professor tem a tarefa de analisar as imagens contidas não apenas no LDP, mas, sim, as imagens veiculadas em revistas, jornais, panfletos, etc., com o intuito de desenvolver um trabalho proveitoso em que sejam explorados os elementos visuais que compõem o texto e que orientam a construção de sentidos. Na realidade, é tarefa do professor preparar os alunos para a leitura de imagens.

Neste trabalho, analisamos a imagem de um gráfico de um avião, a qual aponta para a necessidade de um estudo produtivo que desperte o senso crítico do aluno e o faça perceber a relação entre o texto verbal e o texto visual, pois “a criança pequena, antes da aquisição da palavra, mantém contato com o mundo e registra suas experiências por intermédio da imagem” (AGUIAR, 2004, p. 31). Além disso, foi possível verificar que a imagem em estudo - gráfico de um avião – é necessária para a compreensão do texto verbal, já que ela esclarece ao leitor a localização dos espaços apresentados pelas palavras, ou seja, a imagem complementa o texto verbal, não serve apenas como ilustração para tornar o texto mais agradável aos olhos do leitor.

Mais uma vez, reiteramos que trabalhar com textos extraídos de revista de divulgação científica é uma atitude louvável, pois o aluno tem a oportunidade (e o professor também!) de observar outros modos de leitura, visto que nem sempre os educandos

interpretam corretamente as imagens, associando-as às palavras. Além disso, o professor cumpre a tarefa solicitada pelos PCN (1998, p. 23), qual seja, a de contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e de gêneros organizados de diferentes formas.

Torna-se indispensável, portanto, rever como a escola educa o olhar do aluno (e se educa!) para avaliar as imagens que circulam na sociedade, principalmente no momento em que a tecnologia abusa de imagens com finalidades diversas, a fim de que não ocorra a formação de sujeitos iletrados visuais. Dessa forma, o âmbito escolar precisa adaptar-se às necessidades e às exigências da sociedade pós-moderna a fim de preparar os estudantes para conviver com as mudanças e, conseqüentemente, torná-los leitores eficientes além dos muros da escola.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. *O verbal e o não verbal*. São Paulo: UNESP, 2004.

BELMIRO, Celia A. Uma educação estética nos livros didáticos de português. In.: ROJO, Roxane & BATISTA, Antonio A. G. (orgs). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106p.

CÂMARA, Mônica. Urubu rei: uma imagem fotojornalística e suas multimodalidades. In.: ALMEIDA, Danielle B. Lins de (org.). *Perspectivas em análise visual: do fotojornalismo ao blog*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008.

DESCARDECI, M. A. A. de S. *Ler o mundo: Um olhar através da semiótica social*. Campinas: Educação Temática Digital, v. 3n. 2, p. 19-26.

DIONISIO, A. P. *Multimodalidade discursiva: orquestrando palavras e imagens*. Mimeo. UFPE, 2004.

DIONISIO, Ângela Paiva. Gêneros multimodais e multiletramento. In: BRITO, Karim S.; GAYDECZKA, Beatriz; KARWOSKI, Acir M. (orgs). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kayagangue, 2005.

DONDIS, Donis. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. Londres: Routledge, 1996.

- KRESS, G; LEITE-GARCIA, R.; van LEEUWEN, T. Semiótica discursiva. In.: *El discurso como estructura y proceso: estudios sobre el discurso. Uma introducción multidisciplinaria.* Van DIJK, T. A. (comp.). Espanha: Gedisa, 2000.
- LEMKE, J. L. Travels in hypermodality. *Visual communication*, SAGE Publications, 2002, v. 1, n. 3, p. 299-325.
- MAROUN, Cristiane R. G. O texto multimodal no livro didático de português. In.: *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal.* VIEIRA, Josenia A. et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- MAYER, Richard. *Multimedia learning*. Cambridge, Cambridge University Press, 1999.
- MOZDZENSKI, L. *Multimodalidade e gênero textual: analisando criticamente as cartilhas jurídicas.* Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- PILLAR, Analice D. A educação do olhar no ensino da arte. In.: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Inquietações e mudanças no ensino da arte.* 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- ROCHA, Harrison da. Repensando o ensino de língua portuguesa: uma abordagem multimodal. In.: VIEIRA, Josenia A. e et al. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal.* Petropolis, RJ: Vozes, 2007.
- WALTY, Ivete Lara C.; FONSECA, Maria Nazareth S.; CURY, Maria Zilda F. *Palavra e imagem: leituras cruzadas.* 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- VIEIRA, Josenia A. *Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica.* Brasília, no prelo.